



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

O SINO DA JUSTIÇA

Por F. C. BERNARDINO

HAVIA, em tempos, um homem muito rico que não sabendo em que gastar o seu dinheiro, do qual tantos pobres careciam para seu sustento, mandou comprar um grande sino e ordenou que o pendurassem em uma alta torre existente naquela vila. Amerraram ao sino uma corda tão

comprida que chegava até ao chão. Mesmo uma criancinha poderia puxar por ela e tanger o sino.

Quando ficou tudo pronto, houve uma grande festa na povoação.

Tôda a gente se reuniu defronte daquela alta torre para admirar o sino polido, amarelinho como se fôsse de ouro, brilhando ao sol.

«Eis o sino da Justiça!»—disse o bemfeitor!

Ninguém o deve tocar, a não ser em caso de necessidade. Se alguém fôr maltratado, venha e faça tocar o sino. Reunir-se-hão os juizes, tomarão conhecimento do caso e farão justiça».

Passaram-se muitos anos... Muitos males haviam sido corrigidos, muitos malfetores haviam sido punidos.

Chegou, porém, a corda de linho a estar poída, já destorcida na ponta e alguns fios partidos. Encolhera tanto, por fim, que só um homem alto lhe podia chegar.

—«Isto não serve,—disseram, um dia, os juizes—e se uma criança fôr maltratada como poderá pedir justiça? Vamos trocar a corda por uma nova e mais comprida. Todavia, naquela vila, não se encontrava uma corda em condições e bastante longa. Levaria muito tempo a mandar buscar uma outra à vila que ficava muito distante e sem meios de comunicação, pois, naquele tempo, não os havia.

—«E se entretanto alguém preci-



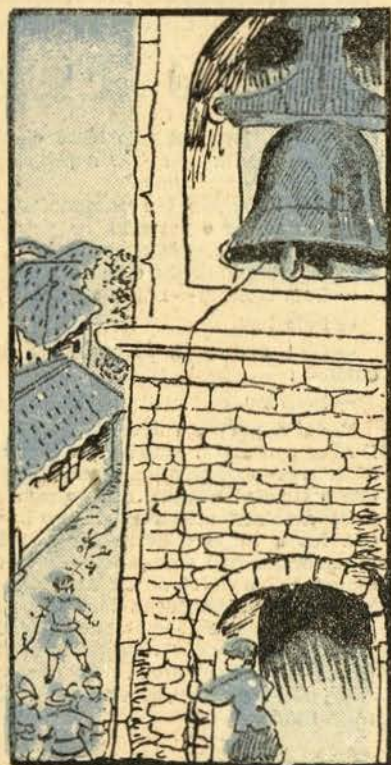
sar que lhe façam justiça?»—preguntavam os juizes.

Enquanto não se obtinha a corda e para remediar a falta, um dos cidadãos lembrou aos juizes a conveniência de atar uma grande vara de videira, que chegasse até ao chão.

Está muito bem, disseram os juizes. E lá ficou uma rama da videira, ainda com uvas e folhas, atada à corda do sino.

Ora havia, nos arredores da vila, um velho cavaleiro que andara em muitas batalhas. Seu melhor amigo era um cavalo velho que o conduzia bastantes vezes à vitória e o livrara de muitos perigos, pelo galope desenfreado da sua incansável carreira. Ou pela paga generosa dos soberanos que servira ou pelo saque das cidades vencidas, o antigo militar enriquecera e tornara-se avarento. Retirara-se para uma choupana na encosta dum monte e vivia só a pensar no ouro, rodeado das suas bolsas de dinheiro.

Um dia olhou ele para o cavalo velho, magro, trémulo de frio e de fome, e disse: —«Para que me serve





isto? — E se eu o vendesse? Mas quem me comprará um sendeiro destes. Ninguém por certo o querará nem dado.» E o avarento deitou o pobre à estrada.

Cansado de andar, cheio de fome, desceu o pobre por casualidade até à praça onde se encontrava o sino. As uvas, ainda verdes na rama da vide, atigaram a fome do bruto que se atirou às folhas com tanta força que o sino começou a tocar.

Passados alguns minutos os juizes e o povo correram à praça, revestidos das suas togas, para ouvir o caso e fazer justiça. E uma grande multidão de homens, de mulheres e crianças, correu à praça a-fim-de saber o que acontecia.

Logo um garoto começou a dizer: — «Olha o cavalo do avarento, (e apontava para o misero cavalo, cujas ancas estavam a ponto de furar-lhe a pele) a comer as últimas uvas que restavam.»

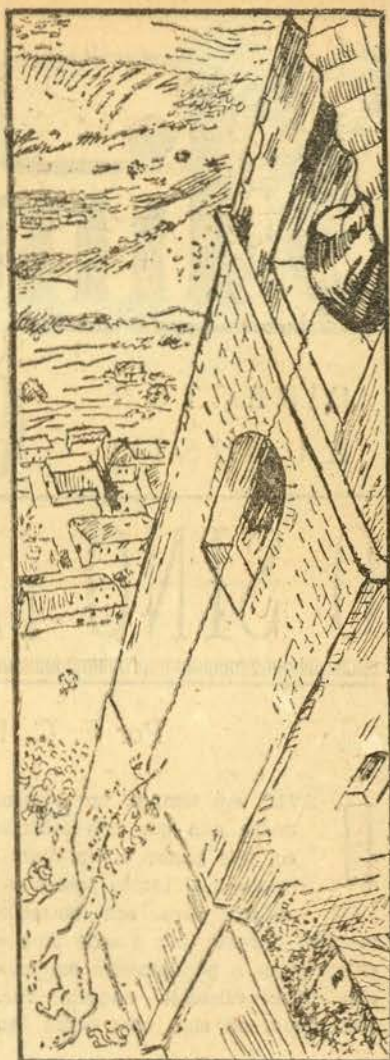
— «Tragam já o avarento!» disseram os juizes. Quando o miserável chegou, mandaram os juizes que ficasse em pé, diante deles, a-fim de lhe ser decretada a sentença.

— «Este cavalo serviu-te por muitos anos, salvou-te a vida em muitos transeis arriscados e ajudou-te a ganhar a fortuna que tens.

Portanto, mandamos que seja depositada, num cofre, a metade do teu dinheiro, para que este velho cavalo tenha comida até morrer.»

O avarento deixou pender a cabeça, angustiado com a perda da metade da sua fortuna mas o povo rompeu em aclamações quando os melrinhos levaram o cavalo para um estábulo onde lhe deram feno, coisa que não comia havia mais dum ano.

E, assim, foi castigada, mais uma vez, a Avareza. Meninos, nunca desprezeis um velho animal por muito pouco serviço que ele vos preste.



O MILAGRE QUE UM LIVRO FEZ

A Marília é uma menina muito boa e estudiosa que faz a alegria dos seus papás. Nunca vai brincar sem ter acabado os seus trabalhos para a escola, estando a professora convencida de que, este ano, apesar de ter, apenas, dez anos, há-de conseguir uma distinção no exame.

O irmão, com os seus sete anos, era, até há pouco, um garoto travesso, nada parando com ele. Todos os dias, o Raúl tinha de ser repreendido e brinqueado que lhe caísse sob as suas mãos. Era, dentro em pouco, brinquedo estragado. Quando ia para o jardim, saltava sobre as plantas, arrancava as flores, que a Marília trata com todo o carinho, assustava as galinhas e os patos, nas capoeiras e, há dias, o seu entretenimento foi agulhar o «Sado», um lindo Terra-Nova que é o cão mais manso e meigo que os meninos possam imaginar. O Raúl era o que se chama uma peste, sem todavia, deixar de ser um bom rapazinho, porque quando alguém lhe falava ao coração, comovia-se e impressionava-se.

Agora, ele que não queria ouvir falar em estudos, está mudado, muito sossegadinho e só brinca nas horas de descanso.

Porque foi essa mudança? Os meninos querem saber?

Eu lhes conto: Na semana passada, o Raúl viu a Marília, na saleta, sentada a uma mesa, tendo, à sua beira, a Rosita, filha dos porteiros. Ambas, com os seus cabelos encaracolados, liam, atentamente, um livrinho. A Marília servia de professora, com um ar sério, e a Rosita, mais nova do que ela dois anos, ia soletrando algumas palavras. O Raúl atirou sobre a mesa a sua grande bola, entornando, num caderno, a tinta dum tinteiro. Marília zangou-se e disse-lhe:

— Não tens vergonha! A Rosita, que é pobrezinha, quer aprender a ler e a escrever e tu, com essa idade, não queres senão brincar!

— Pudéra; eu hei-de ser rico...

— Não deves dizer isso, porque a gente nunca sabe a sorte que nos espera. Olha, o sr. Lucas já teve muito

dinheiro e, hoje, se não fôsse o ter estudado, havia de andar a pedir esmola para poder comer.

— Os livros são tão massadores... — desculpou-se o pequeno.

— Este não é. — Afirmou, do lado, a Rosita, mostrando-lhe o livro.

— Tem bonecos — notou o Raúl.

— Pois tem.

— Oh! mana, tu és capaz de me ensinar!

— Pois sou.

E, daí a pouco, a Marília, entre a Rosita e o Raúl, retomava o seu ar sério de professora, recomeçando a lição que o irmãozinho seguia, interessado.

Os meninos sabem qual foi o livro que fez o milagre de mudar o Raúl, transformando-o num rapazinho estudioso? Foi o «Método de Aprender a Ler», do professor Sousa Carvalho, que custa só cinco escudos e que se vende na Rua do Século, 43. Peçam aos seus papás que lho comprem, para ensinar a ler, com facilidade, os seus irmãositos mais novos.

TIO PEDRO

HISTORIA duma CABELEIRA

POR ANÃO IGNARANTAO

ESTOU bem satisfeito com o sucesso que obtive com a minha primeira história, contada aqui no Pim-Pam-Pum.

Se até o meu colega Sabichão que é tão exigente e estava de peito feito contra mim, confessou que enchera a barriguinha de riso, com o caso picaresco do doutor Boticão e da galinha com dores de dentes!

Hoje vai aí uma esplêndida espanhola que não me parece menos estapafúrdia, nem menos cómica!

Ora vamos a ela!

No tempo em que as fadas andavam pelo mundo, sucedeu à princezinha Crisálida o que era vulgar suceder a tantos príncipes e princesas.

Os reis, seus pais, receiosos das más fadas, resolveram não convidar nenhuma, para assistir ao baptizado da filha. A cerimónia fez-se à capucha, como se costuma dizer. Mas de nada lhes valeu tal precaução!...

No lugar onde estava a fada com o capacete de víboras, símbolo da sua maldade e crueza, apareceu uma chama azulada e daí a um instante nem chama, nem fada existiam já! Como por encanto, todas as outras fadas desapareceram também.

Logo a Rainha, muito inquieta, se acercou do berço, onde Crisálida dormia, e, cheia de ansiedade, tirou-lhe a touquinha. Na touca vieram agarrados todos os pelinhos que cobriam a cabeça da pequenina princesa e a cabeceira apareceu calva e reluzente, como uma bola de bilhar!

— Não chores! — disse o pai à Rainha. — Tudo se há-de remediar! A minha madrinha Fada, quando nos casamos, disse-me que me dava um valioso presente. Quando eu desejasse qualquer coisa difícil, era só formular o meu desejo! Até agora, nada precisei. Mas, quando a nossa filha crescer, servirá, para ela, o presente da minha madrinha.

Crisálida foi crescendo, linda como o sol, boa como o pão mas completamente calva!

Para lhe tapar a cabeceira inventaram-se gorros, chapéus encantadores, que muito bem lhe ficavam mas os pais sempre que a olhavam, enristeciam!

Quando a princesa fez quinze anos, o pai ofereceu-lhe, como presente, o que a fada lhe dera a ele, no dia do casamento.

A princezinha que formulasse o seu desejo; logo seria cumprido!

Aconselhada pela mãe, Crisálida expressou, assim, o seu pedido:

— Quero ter cabelos de ouro que cresçam uma polegada por dia e que, quando mos cortem, cresçam com dobrada rapidez.

O Rei, ao ouvir tal, assustou-se!

E tinha razão para isso, porque o cabelo da princesa cresceu com tal rapidez e abundância, que arrastava pelo chão e eram precisos dois págens para o levantarem, como se fosse a cauda dum vestido.

Por fim não tiveram mais remédio, senão cortá-lo; mas que sucedeu?

Cresceu, logo, de tal maneira que encheu quartos, corredores, descia pelas escadarias, como um manto dourado que tudo cobria!

Que se havia de fazer?

Começaram, então, a vendê-lo e aquele dinheiro revertia para os pobres!

O bem-estar do país, aumentou mas a princezinha passava uma vida amargurada!

Depois fabricaram com ele camizinhas para os bebês, mais macias que



seda, cordas para os navios mais resistentes que cabos de metal. Depois...

Depois o Rei mandou publicar um decreto, em que anunciava que a mão da filha, seria dada, a quem lhe conseguisse cortar o cabelo, de forma que não tornasse a crescer.

Era ver a data de príncipes, infantess, duques e condes, que apareceram, com toda a espécie de remédios e loções!...

Mas nenhum deles conseguiu coisa alguma, até que chegou o Príncipe Florisol.

A Princesa que não tinha ligado importância nenhuma aos outros, olhou-o logo com simpatia. Por seu lado, o Florisol ficou doido com a beleza de Crisálida.

Então, ele rogou-lhe que, naquela noite, quando a sua cabeleira enchesse todo o palácio, assomasse à janela do jardim.

Quando ela apareceu, disse-lhe que enrolasse os cabelos a um prego que estava ali perto e se deitasse da janela abaixo.

Crisálida executou o que Florisol pedia, e ele trepou por ali acima e, com a espada, na ocasião em que ela saltava, deu-lhe um corte nos cabelos, a meio metro de distância da cabeça.

— Fiz ao contrário de todos! — explicou. — Até aqui, cortavam o cabelo à Princesa, eu cortei a Princesa ao cabelo!!!

Só o Rei franziu o sobrolho, muito descontente. E tinha razão porque o cabelo deixou de crescer mas a Princesa começou a esticar em altura e, daí a poucos dias, tinha-se tornado uma gigante!

Por não caber dentro do palácio, teve de ir viver em planícies descomunais e, por fim, como estas eram, pouco espaçosas, teve de se meter pelo mar dentro. Pensava que ia bater com a cabeça no céu, quando ouviu uma voz a chamá-la.

Era o Príncipe Florisol que cami-



Dai a poucos dias, uma chusma delas, loiras, morenas, bondosas e más, vindas da lua, das flores e de ilhas encantadas, voando sobre borboletas, entraram pelo palácio dentro. Vinham todas furiosas, pedir satisfação aos Reis da sua descortesia.

Uma delas, chamada Malévola, inclinou-se sobre o berço da pequenina princesa e disse-lhe que, a-pesar de tudo, lhe queria dar um presente.

Numa voz mnito zangada, anunciou:

— Ficarás calva como a palma da mão!

Então, uma outra fada com um ar repreensivo, adiantou-se e, dando com a varinha de condão no ombro de Malévola, disse-lhe, em tom solene:

— Já não posso apagar a maldição da tua profecia mas o que posso é fazer-te desaparecer no ar, como uma chama maldita!

E assim foi!

(Continua da página 6)

O EXPEDIENTE DA GATINHA-MÃI



I — A velhota Briolanja tem uma gata amarela que, em certa rua macanã, viu uma escorregadela numa casca de laranja



II — Ora a gatinha citada, um certo dia aparece com uma grande ninhada de gatinhos que estremece, beijando-os, tôda enlevada.



III — A velhota, estaca e, fula, ar um pio, com um de velhaca, para or ao rio, mandando uma saca.



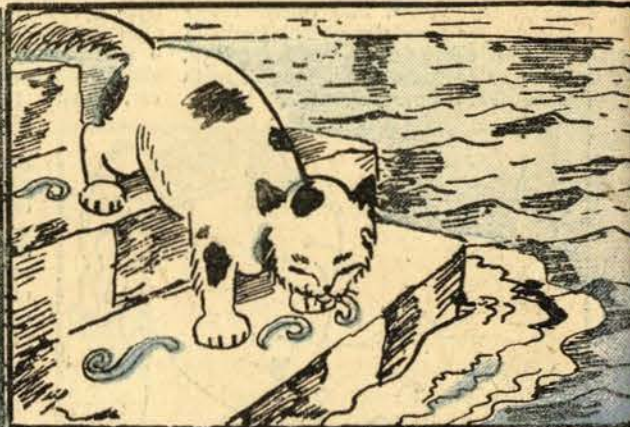
IV — A pobre gatinha mãe, percebendo o seu intento, começa a andar num vai-vém, miando a todo o momento, sem que lhe acuda ninguém.



V — Mas nisto tem uma idéia que o seu instinto materno tudo logo remedeia, livrando daquele inferno os gatos que a velha odeia.



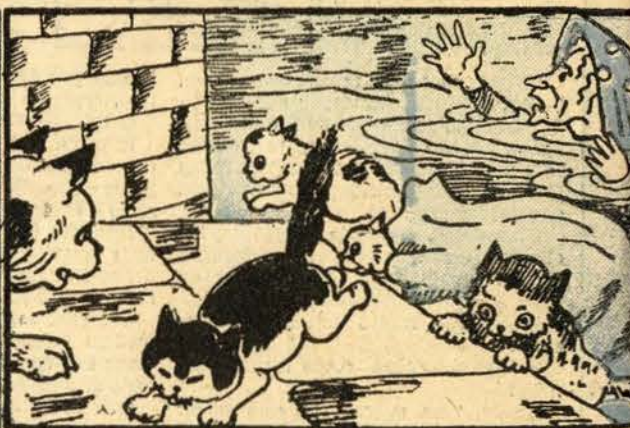
VI — Sai numa grande aflição e, rapidamente, arranja, juntando-as, uma porção de casquinhas de laranja, que ela encontrara no chão.



VII — E vai, com elas na boca, espalhando-as nos degraus que estão ao fundo da doca, soltando tristes miás, em sua ansiedade louca.



VIII — E quando a dona, velhaca, à beira do rio ohega, transportando a grande saca, catrapús! ... logo escorrega!



IX — E desta forma, sem dó, à velha sem coração, a gata-mãe aplicou a pena de Talião.

PARA OS MAIS PEQUENINOS

EL-REI LEÃO

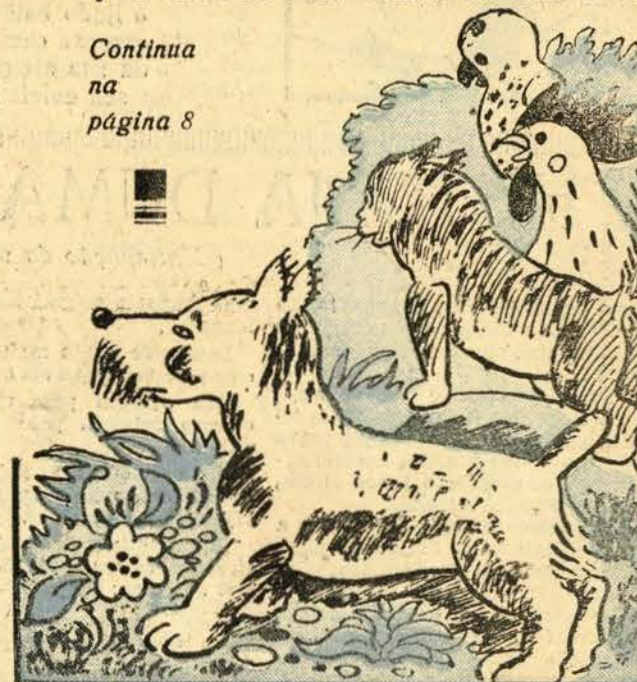
POR MANUEL FERREIRA

QUASI que todos os dias, havia grandes arrelias por causa de el-rei Leão que, com muita presunção, entrava na sua terra, quasi que em pé de guerra. Sempre mal humorado e um pouco mal-

lenda), começava logo o galo a cantar que era um regalo:

— «Já lá vem o sol-e-dó. Có-có-ró-có! Có-có-ró-có!»

Continua na página 8



riado, o nosso el-rei Leão tinha muita presunção, o reino de bicharia, com sua vozeria. Mal entrava na fazenda (e olhem que isto não é

A CANÇÃO DOS BALÕES

POR AUGUSTO de SANTA-RITA

I

Deram-me os papás
um lindo balão encarnado,
cheinho de gás...
Um dia fez: — Trás!...
Ficou-me na mão,
em vez do balão,
tão bonito,
só um farrapito
engelhado!

II

Veio um balão doiro
em vez do balão encarnado,
mas, dando outro estoíro,
um dia fez: — Pum!...
Ficou-me na mão,
em vez do balão,
tão bonito,
só um farrapito
engelhado!

III

Veio um balão verde
em vez do balão que era doiro,
mas logo se perde
pois dá outro estoíro!...
Ficou-me na mão
em vez do balão
tão bonito,
só um farrapito
engelhado!

IV

Então, num afan,
vieram palavras de consolação
da minha mamã!
E ai, desde então,
ficou-me na mão
o lindo balão,
sempre cheio,
da sua afeição,
seu enleio!



A HISTORIA DUMA CABELEIREIRA

(Continuação da página 3)

nhava numa das suas mangas! Não lhe dera na vista por ser um nico de gente, tal qual uma pulguinha doutra espécie!

— Torna a cortar o cabelo! — gritava o Príncipe. E ela, com umas tesouras gigantescas, que sempre usava à cintura e que também haviam aumentado em proporção à sua altura, fez o que Florisol lhe disse.

Vai o cabelo desatou outra vez a crescer e a altura da Princesa a diminuir, até que ficou como era dantes.

Toda a corte rejubilou, menos o rei, porque compreendeu que tudo ficava na mesma! Com efeito, assim foi.

O cabelo começou, outra vez, a encher casas, jardins, estradas, planícies, etc.

Lembraram-se, então, de chamar a Fada, madrinha do rei e esta só deu

uma resposta enigmática: — Uma balança!...

Depois de muito matutar, o Príncipe percebeu o que ela queria

Deu ordem para trazerem uma enorme balança, para o jardim do palácio.

Fez com que a Princesa se puzesse de pé, sobre um dos lados e, no outro, colocassem os cabelos.

Esperou que os pratos da balança estivessem certos e tão bem o calculou que ao dizer: — Agora! — levantou a

a espada e descarregou um golpe certo, exactamente na ocasião em que a divisão estava perfeitamente igual dos dois lados.

A cabeleira de Crisálida ficou, então, como qualquer linda cabeleira de várias meninas loiras que em todos os tempos têm existido e, por nada haver de anormal, a bôda dos dois príncipes realizou-se, com grande regozijo dos noivos, dos pais e de todo o povo.

Que dizem vocês a esta adaptação do vosso Anão Ignorantão?

Tem ou não tem um piadão?

F

i

EL-REI LEÃO

(Conclusão da página 5)

E o cãozinho fiel, bem senhor do seu papel, começava a latir, outras vezes a ganir, ainda outras a ladrar, para de el-rei trocar:

—«Lá vem el-rei Leão! ão-ão-ão! ão-ão-ão!...»

A galinha boazinha, e, um pouco arrebitada, já um tanto depenada, dizia para quem ouvia:

—«O rei Leão vem já lá? Cá-cá-rá-cá! Cá-cá-rá-cá!».

O frangaíinho, coitadinho, estende o pescôço, num alvoroço, põe-se a piar, a tremelicar:

—«Já vem aí? Qui-qui-ri-qui! Qui-qui-ri-qui!»

O gato «Carocho», maneta e coxo, arreliado, todo irritado, ora miava ora se arrepelava:

—«Isto está mau! Isto está mau! Miauu, miauu!»

A rôla tola, e presunçosa, tôda vaidosa, (mas com ar modesto), biquinho lesto, arrulhava e ordenava:

—«A casa é tua? A casa é tua? Põe-te na rua, põe-te na rua...»

O nosso Louro, pior do que um touro, a falar, a provocar, dizia ao rei, que vinha além:

—«O' Leão, ó Leão! E's tão mausão. Dá cá o pé, dá cá o pé!»

Com tal recepção, el-rei Leão, todo raivoso, furioso, pensou um dia: — «Vou acabar com o vozear da bicharia».

E tanto pensou, tanto estudou, que, num certo dia, a bicharia tremelicoú e se assustou, ao ouvir a fera rugir, com a sua voz tão imponente e insolente:

—«Isto não está bom. Rom-rom-rom!»

Tudo assustado e amedrontado, não protestou, não se lembrou nem de piar, nem de miar, nem de ganir, nem de latir.

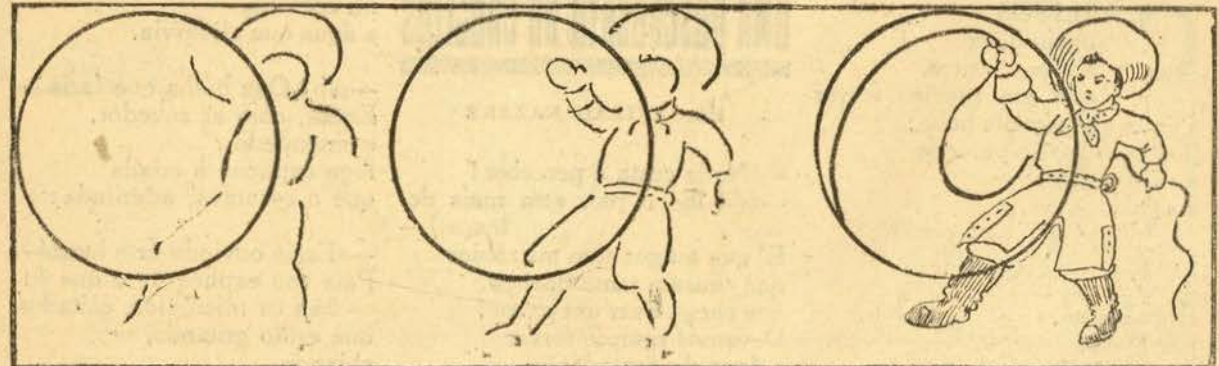
Calou-se, acabou-se a gritaria da bicharia. Tudo tem medo, fala em segrêdo, e hoje o Leão, sem presunção, entra na terra, não em pé de guerra, mas sossegado, muito calado, porque os animais e outros que tais, tomaram juízo, pois o siso é bem preciso.

Não fazem já berraria nem gritaria:

«Qui-qui-ri-qui! Quem vem aí! A casa é tua? Põe-te na rua...»

F I M

L I Ç Ã O D E D E S E N H O



Como se desenha um cow-boy

CONCURSO DOS BICHOS

AVISO AOS CONCORRENTES

Conforme dissemos no nosso número anterior, as únicas condições para se ser admitido ao nosso concurso, consistem na apresentação dos bi-



chos que reproduzimos colados numa caderneta, tendo na primeira página o nome e morada dos concorrentes e, por baixo de cada gravura, o nome zoológico



de cada animal. O júri terá na devida conta o maior número de indicações sobre a espécie zoológica, e o esmero artístico na apresentação das cadernetas,

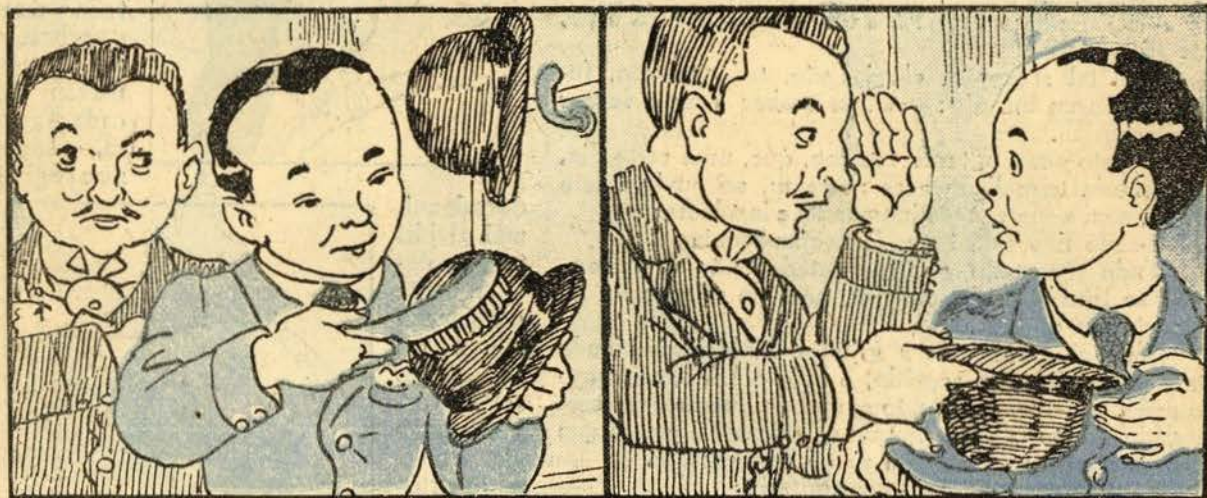




Zé Distráido, uma vez,
entra num cabeleireiro,
onde estava outro freguês
que tinha entrado primeiro.

Põe no cabide o chapéu,
junto de outro, sem reparo,
que era tal qual como o seu.
Chapéus há muitos... é claro!

Faz a harba num momento;
depois de se barbear,
principia, pachorrento,
o seu chapéu a escovar.



O outro freguês, já servido,
pega no outro chapéu,
mas vê que o «Zé Distráido»
estava escovando o seu.

Aguarda que o nosso Zé
o dê por bem escovado;
e diz-lhe, então: — «Por quem é!...
Oh, muitíssimo obrigado!»

CARLITOS
ouviu dizer
a uns primitos,
que era preciso ferver
a água que a gente bebe;
mas o petiz não percebe
e vai perguntar
ao pai:

—«O' papá!
Diga-me cá,
por favor,
porque razão
a água do contador
tem de ser sempre fervida
antes da gente a beber?»

UMA DESCOBERTA DE CARLITOS

POR ANIBAL NAZARÉ

—«Nada custa a perceber!
— (diz-lhe o pai, sem mais de-
tença.)—

E' que a água tem micróbios
que causam tanta doença,
que chega a ser um pavor!
Devemos sempre ferver
a água do contador!»

Depois, foi ver, interessado,

na cozinha,
a água que ali fervia.

—«Ih! Que bulha que fazia!»
Então, com ar sabedor,
e entendedor,
logo explicou à criada
que o escutava, admirada:

—«Estás ouvindo êste banzé?»
Pois vou explicar-te o que é:
— São os micróbios, coitados,
que estão gritando,
chiando,
gemendo,
e vão morrendo
queimados!...»